

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Sylvain Cambreling direção musical

20 jan 2024 · 18:00 Sala Suggia

PORTUGAL 2024



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Emmanuel Nunes

Nachtmusik II (1981, rev.2000; c.26min)

2ª PARTE

Maurice Ravel

Rapsodie Espagnole (1907; c.17min)

1. Prélude à la nuit –
2. Malagueña
3. Habanera
4. Feria

Vasco Mendonça

Group Together, Avoid Speech (2012; c.25min)

1. Solemn, assertive
2. Nocturnal
3. Agitated, not too expressive

Emmanuel Nunes

LISBOA, 1941 – PARIS, 2012

Nachtmusik II

Nachtmusik II, composta em 1981, partilha com *Nachtmusik I* (1978) alguns elementos de estruturação do material mas, como escreveu o próprio compositor, “não se trata, de modo algum, de uma versão para orquestra ou de uma ‘orquestração’ de *Nachtmusik I*”. Uma das vertentes mais importantes da gestação de *Nachtmusik I* tinha sido uma reflexão sobre o fenómeno da *modulação de amplitude* em geral, e da *modulação em anel* em particular. Tal reflexão levou Emmanuel Nunes a três decisões: em primeiro lugar, a estabelecer como ponto de partida do trabalho de composição uma organização geral das alturas por pares de sons, considerando o par como a mais pequena unidade constitutiva do discurso; em segundo lugar, a predeterminar os diferentes registos de cada grupo de dois sons; e, em terceiro, a predefinir a ordem de encadeamento desses pares de dois sons. Deste modo, todas as sequências de intervalos, bem como a sua evolução nos registos, foram fixadas antes da redacção da partitura. Em *Nachtmusik II*, a ordem de encadeamento dos grupos de dois sons e a sua distribuição nos registos não é a mesma, e a função é também diferente. Enquanto em *Nachtmusik I* a sequência dos pares de dois sons decorria de maneira contínua, como um “canto firmus”, em *Nachtmusik II* ela estabelece um género de fio condutor invisível, funcionando mais como mecanismo de activação de desenvolvimentos harmónicos relativamente autónomos. *Nachtmusik II* é inteiramente atravessada por uma corrente melódica cujo desenho formal e distribuição instrumental são organizados segundo proporções dadas

por vários ciclos de pulsações regulares, revelando uma vez mais a presença da ferramenta técnica designada por “par rítmico”, característica de todas as peças que integram o Ciclo 2 “A Criação”. Em *Nachtmusik I*, Emmanuel Nunes tinha utilizado apenas oito notas do sistema cromático, deixando as quatro restantes fora de toda a partitura. Em *Nachtmusik II* tal não acontece, todas as doze alturas são empregues, se bem que as quatro notas banidas de *Nachtmusik I* revelem uma presença muito menor e mais discreta do que as outras oito notas. A instrumentação e a orquestração seguem uma ideia de “contraponto de complexos de timbre”, repartidos entre instrumentos solistas, grupos camerísticos e grupos instrumentais massivos, chegando mesmo ao *tutti* orquestral. A simultaneidade de vários grupos camerísticos explícita e constitui o referido contraponto tímbrico. Para o compositor, o aspecto possivelmente mais importante da composição de *Nachtmusik II* foi a multiplicidade de categorias de relações estabelecidas entre as diferentes dimensões sonoras, gerando algo como uma “antifonia de parâmetros”, através da qual cada parâmetro incarna uma definição e um processo de desenvolvimento que não procura ter em conta a interacção (inevitável) com o resto dos parâmetros. *Nachtmusik II* não tem pois um princípio unificador de todas as dimensões ao mesmo tempo, mas obedece sim a uma unidade de concepção dentro da multiplicidade dos métodos.

Nachtmusik II começa com a figura melódica que conclui *Nachtmusik I*, tocada pelo mesmo instrumento (corne inglês), mas aqui enriquecida pelos restantes instrumentos. Os primeiros 30 segundos da obra sugerem, aliás, a configuração não só de um género de “introdução” ao discurso sonoro que se vai seguir, como apontam para uma reminiscência vista através

dum véu orquestral de *Nachtmusik I*. Aos 30 segundos iniciais segue-se uma primeira libertação do denso e riquíssimo material musical que Emmanuel Nunes definiu rigorosamente na fase anterior à escrita da partitura. Esta secção dura cerca de três minutos e desemboca numa segunda reminiscência de *Nachtmusik I*, que se ouve por cerca de 30 segundos e parece fechar a primeira grande parte de *Nachtmusik II*, recriando uma situação de escuta “no meio da noite”. A partir daqui, a música transforma-se numa verdadeira torrente de lava vulcânica, um magma incandescente que, visto na assombrosa escuridão da noite profunda, adquire uma luminosidade terrível e assustadora. Esta imensa massa em estado de fusão decorre durante cerca de 15 minutos, podendo dividir-se auditivamente em duas fases: uma de cerca de nove minutos, na qual temos a sensação de estar a ver as entranhas da terra, e outra de seis minutos, na qual os instrumentos a solo e os grupos camerísticos se fazem ouvir com maior nitidez. A última parte de *Nachtmusik II*, os seus últimos cinco minutos, abre o horizonte para uma dimensão mística, impalpável e dificilmente descritível por palavras. Entregue essencialmente às percussões, que aqui incluem crótalos, triângulos e, de modo muito especial, sinos graves (*Platten-Glocken*), esta secção estabelece uma “aura” de grande poder evocativo, levando-nos a re-ouvir interiormente toda a peça, tudo aquilo que acabámos de ouvir — como se, chegados à terra prometida, olhássemos para trás, contemplando o longo caminho percorrido.

Nachtmusik II, uma encomenda do Festival de Donaueschingen, está dedicada à memória do maestro Ernest Bour, tendo sido estreada a 16 de Outubro de 1981 no Festival de Donaueschingen pela Orquestra da Rádio do Sudoeste Alemão de Baden-Baden, sob a

direcção de Kasimir Kord; a segunda versão, fruto duma revisão no ano 2000, foi estreada em Donaueschingen, a 17 de Outubro de 2003, pela Orquestra Filarmónica da Radio France, sob a direcção de Emilio Pomarico.

PAULO DE ASSIS, 2007*

Maurice Ravel

CIBOURE, 1875 – PARIS, 1937

Rapsodie Espagnole

Maurice Ravel, filho de pai suíço e mãe de origem basca e espanhola, nasceu em território basco do sudoeste de França. Mais do que qualquer outro músico francês, dedicou especial atenção às heranças hispânicas (via até em Espanha uma “segunda pátria musical”). A *Rapsódia Espanhola*, escrita em 1907-08, é sua primeira grande obra orquestral e também a primeira integralmente centrada na referência ibérica. Apesar de só ter visitado Espanha pela primeira vez já perto dos 50 anos, Ravel ouviu canções populares espanholas desde criança e absorveu de forma muito consistente os seus elementos estilísticos, tingindo-os de refinado cosmopolitismo (Falla apontaria a música hispânica de Ravel como “subtilmente genuína”).

A gestação da *Rapsódia Espanhola* começou pela *Habanera* para dois pianos (1895), incluída no díptico *Sites Auriculaires* (1897), estreado por Marthe Dron e Ricardo Viñes (exímio pianista espanhol, notabilizado pela dedicação à música francesa do seu tempo, em especial de Debussy e Ravel). O compositor trabalhou nos vários andamentos desta *Rapsódia* a partir de Outubro de 1907, terminando primeiro uma partitura a dois pianos e depois, no início do ano seguinte, a versão orquestral. A estreia decorreu em Março de 1908 no Théâtre

du Châtelet (Paris), com a Orquestra dos Concertos Colonne dirigida por Édouard Colonne.

Estará a origem do título da obra na *Rapsódia Espanhola* de Albéniz, que Ravel ouviu Viñes tocar? Ou antes na *Rapsódia Espanhola* de Liszt, músico tão importante na abordagem pianística raveliana? Ou até no *Capricho Espanhol* de Rimski-Korsakoff? Não sabemos. O resultado mostra influências de Rimski-Korsakoff — não só pela sugestão geral hispânica, mas também por aspectos de orquestração como, por exemplo, as frases lânguidas de sopros (madeiras) sobre notas sustentadas das cordas, à semelhança de passagens de *Scheherazade*. Persiste também o parentesco com sonoridades debussianas, desde logo no primeiro andamento.

O “Prelúdio à Noite” está ancorado numa célula descendente de quatro notas — fá, mi, ré, dó sustenido — que se mantém impassível por entre mudanças de orquestração, choques harmónicos e modulações. As cordas, em surdina por todo o andamento, ajudam a evocar com admirável economia de meios o mistério nocturno.

A “Malagueña” emula o característico acompanhamento de guitarra com um ostinato sinuoso cuja escolha de timbres é uma lição de pertinência. Depois da melodia em tercinas que irrompe no trompete e do *crescendo* que se segue (com percussão variada), há lugar para intervenções de corne inglês, glissandos de harpas e de cordas que lembram os exotismos de Rimski. Uma reaparição da célula base do Prelúdio (polvilhada pelo timbre da celesta) conduz-nos para o fim.

Na “Habanera” destaca-se outro tipo de ostinato — uma só nota, dó sustenido, por entre o ritmo característico do acompanhamento (Debussy, que pedira a partitura emprestada a Ravel e só a devolveria anos depois, incorporou

uma textura semelhante na sua *Soirée dans Grenade* de 1903). Por todo o andamento são dignas de nota as harmonias cheias e a expressão calorosa de pequenos grupos de cordas.

Por fim, “Feria” é um quadro rico em contrastes, cor e texturas voláteis. Depois da secção inicial dançante, a parte central inclui um solo de corne inglês, pontuado por cordas que respondem em inesperados glissandos — depois entrecortados pelo motivo inicial. A transição de volta para a dança é um admirável jogo de luz. A apoteose final (cujos compassos Stravinski tomaria de empréstimo para a dança infernal de Kastchei no bailado *O Pássaro de Fogo*) encerra a obra com uma assertividade desarmante.

PEDRO ALMEIDA, 2024*

Vasco Mendonça

PORTO, 1977

Compositor em Residência

Um longo caminho foi já percorrido por Vasco Mendonça desde 2007, ano em que foi o primeiro Jovem Compositor em Residência na Casa da Música. A sua música é hoje tocada por agrupamentos como o AskolSchönberg Ensemble, Spectra Ensemble, Nieuw Ensemble, Axiom Ensemble ou International Contemporary Ensemble (ICE), além de formações nacionais como a Orquestra Gulbenkian, o Drumming GP ou os agrupamentos da Casa da Música. Recebe encomendas de importantes festivais, entre os quais o Aix-en-Provence, Aldeburgh Music, Verbier, Musica Estrasburgo e November Music, e de salas de concerto como a Ópera Nacional dos Países Baixos, Ópera e Philharmonie de Paris, Lincoln Center, Concertgebouw de Amesterdão, La Monnaie,

Grand Theatre du Luxembourg, Elbphilharmonie, Philharmonie de Colónia, de Singel, Casa da Música e Fundação Gulbenkian.

O seu interesse pela música cénica leva-o a trabalhar com algumas das companhias de teatro musical mais inovadoras da Europa, como o Music Theatre Wales, o Muziektheater Transparant e o LOD Muziektheater, e com encenadores como Katie Mitchell, Michael McCarthy e Luís Miguel Cintra.

Tem obras gravadas pelas editoras Naxos e Classic Concert. Estudou com Klaas de Vries e George Benjamin, foi distinguido com o Prémio de Composição Lopes-Graça e o ROLEX Mentor and Protégé Arts Initiative (recebendo orientação de Kaija Saariaho), e representou Portugal no International Rostrum of Composers da UNESCO.

A residência de Vasco Mendonça na Casa da Música em 2024 inclui a interpretação de seis obras, duas das quais são encomendas em estreia mundial, e um seminário para estudantes de composição.

Group Together, Avoid Speech

Encomendada em 2012 pela Fundação Calouste Gulbenkian para o 50.º aniversário da Orquestra Gulbenkian, *Group Together, Avoid Speech* é uma espécie de *concerto grosso* para um grupo de nove instrumentistas, organizado em três andamentos. O primeiro tem uma natureza processional, com notas repetidas e ciclos rítmicos em sucessão; o andamento central, uma qualidade crepuscular e onírica; no terceiro regressa a música circular, sob a forma de mecanismos de controlo, que vão ligando e desligando uma espécie de *moto perpetuo*.

O título da peça é um jogo de palavras com uma passagem do poema *The Hollow Men* de T. S. Eliot:

*“In this last of meeting places
We grope together
And avoid speech
Gathered on this beach of the tumid river
Sightless, unless
The eyes reappear (...)”*

No tom de desencanto que percorre este poema (agora, mais do que nunca, de uma actualidade perturbante), as palavras “Sightless, unless/ The eyes reappear” surgem sempre como um inesperado raio de luz na paisagem estéril e implacável que o poeta descreve: ao permitirem uma possibilidade (ainda que remota) de redenção, sugerem também que ainda há tempo. Que não é tarde de mais.

A música está fora do mundo: o que a torna sublime é por vezes a sua maldição. Mas é nestes lugares únicos, em que nos reunimos para partilhar algo extraordinário e que não pode ser dito por palavras, que reside a sua oportunidade de regressar ao mundo. Fico particularmente satisfeito que esta partilha tenha lugar na Casa da Música e com os magníficos intérpretes da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música — duas estruturas absolutamente fundamentais no nosso país, com um longo e notável trabalho ao serviço da cultura e da música portuguesas: a sua existência e o que representam são, por si só, um motivo de celebração nestes tempos conturbados.

VASCO MENDONÇA, 2024*

* Os autores não aplicaram o Acordo Ortográfico de 1990.

Sylvain Cambreling direção musical

O maestro francês Sylvain Cambreling é um músico com ideias irreverentes, um artista invulgar que gosta de captar a atenção do público.

No início da temporada 2018/19 tornou-se maestro titular da Sinfónica de Hamburgo, um contrato entretanto renovado até ao final da temporada 2027/28. Entre 2010 e 2019, foi maestro principal da Orquestra Sinfónica Yomiuri Nippon em Tóquio. Ainda antes, tinha ocupado o cargo de diretor musical da Orquestra Sinfónica da Rádio SWR de Baden-Baden e Freiburg (1999-2011).

Sylvain Cambreling foi diretor geral de música da Ópera Estatal de Estugarda (2012-2018) e diretor musical do Teatro La Monnaie de Bruxelas durante dez anos, antes de se tornar diretor musical da Ópera de Frankfurt em 1993. Notabilizou-se pela introdução de ideias novas, muitas vezes revolucionárias, em algumas produções para os festivais de Salzburgo (*Pelléas et Mélisande* e *Les Troyens*) e Frankfurt (*Wozzeck*, *Fidelio* e um ciclo dedicado a *O Anel do Nibelungo*). Tem desenvolvido uma forte relação com a Ópera Nacional de Paris, onde dirigiu óperas como *Saint François d'Assise*, *Pelléas et Mélisande*, *Kátia Kabanová*, *La Clemenza di Tito*, *O Amor das Três Laranjas*, *Don Giovanni*, *As Bodas de Fígaro*, *Simon Boccanegra*, *Les Troyens*, *Louise*, *La Traviata*, *Ariane et Barbe-Bleue* e *Wozzeck*.

Apresentou-se com as Filarmónicas de Viena e de Berlim, a Orquestra da Tonhalle, as orquestras das rádios de Frankfurt, Hamburgo, Berlim, Hanôver, Colónia, Copenhaga, Estocolmo e Londres, a Philharmonia, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Alemã de Berlim, a Filarmónica de Munique, a Sinfónica de Viena, a Orquestra de Paris e a Filarmónica de Oslo. Na América do Norte dirigiu a Sinfónica de

Cleveland, a Filarmónica de Los Angeles e as sinfónicas de São Francisco e Montréal.

Defensor acérrimo de uma programação inventiva, Cambreling é conhecido pela originalidade com que planeia os concertos. Uma das suas especialidades é a justaposição de obras ou compositores contrastantes mas de alguma forma relacionados: por exemplo, Haydn com Messiaen, ou *La Damnation de Faust* de Berlioz com *Genas de Fausto* de Schumann. Entre os seus projetos mais audaciosos pode destacar-se a apresentação, em noites consecutivas, das três obras de maior dimensão de Messiaen — *Turangalila*, *Eclairs sur l'Audela* e *La Transfiguration de notre Seigneur Jésus-Christ*.

Em 2009, Sylvain Cambreling recebeu o Echo Klassik enquanto maestro do ano e o Prémio da Crítica Discográfica Alemã para o melhor CD orquestral. Em 2010, ganhou o Prémio MIDEM de Música Contemporânea pelo seu disco de Messiaen com a Orquestra Sinfónica SWR de Freiburg e Baden-Baden. Em 2007 foi condecorado como *Chevalier de la Légion d'honneur* e em 2012 foi-lhe atribuída a Cruz Federal de Mérito, pela República Federal da Alemanha.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. O alinhamento para 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrchenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, a *Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 viaja até Munique, tocando ao lado do Arditti Quartett no festival Råsonanz.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
José Despujols
Roumiana Badeva
Maria Kagan
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Andras Burai
Alan Guimarães
Tünde Hadadi
Pedro Carvalho*
Raquel Santos*
Joana Machado*
Mafalda Vilan*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Mariana Costa
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*
Mariana Cabral*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Timur Sadykov*
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Catarina Gonçalves*
Rita Costa*
Carlos Monteiro*
Rita Mendes*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
João Cunha
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Michal Kiska
Ana Sofia Leão*
Jari Piper*
Tiago Mendes*
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Pedro Carvalho*
Georges Pereira*
João Mendes*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto
Edgar Silva*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

Eddy Tauber
Daniel Canas*
Hugo Carneiro
Hugo Sousa

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Rui Brito
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Diogo Andrade*
Emanuel Rocha*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Pedro Góis*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Celesta

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica

Iluminação

Eliseu Morais

Palco

Amaro Castro

André Silva

José Vilela

Victor Resende

Assistência de cena

José Paulo

Moisés Campelo

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

